

### 3<sup>rd</sup> DEGREE / 1982

um filme de PAUL SHARITS

*Realização, imagem, som, montagem:* Paul Sharits / *Produção visual e assistente de realização:* Steve Gallagher / *Som:* Robert Franki (simulação do som de serpente), Ken Rowe (assistente de som) / *Interpretação:* Mary Ann Bruno (rapariga com o fósforo), Susan Mann (voz).

*Produção:* Paul Sharits (EUA, 1982) / *Cópia:* 16mm (Film-makers Coop.), colorida, falada em inglês / *Duração:* 24 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O projetor arranca, a película começa a rolar, a luz acende-se e, na tela, uma imagem surge. Essa imagem é de uma película de 16mm (o mesmo suporte do filme que estamos a ver), com perfurações e tudo, que rola a uma velocidade inferior àquela da projeção, isto é, inferior a 24 fotogramas por segundo, por se tratar de filme com som. O que se produz é, desde logo, um efeito de arrastamento, que resulta desse desfasamento de velocidades, mas também do contacto direto com a materialidade da película, sem as interrupções sucessivas do obturador. Percebemos que a velocidade do “filme dentro do filme” foi manipulada pelo realizador no momento da rodagem, oscilando entre a imobilidade e a sincronicidade com a velocidade de captação da câmara. Quando a imagem pára, percebe-se – finalmente – o que estava inscrito nos fotogramas. Paradoxalmente, essa paragem, diante da lâmpada escaldante do projetor (sem *douser*), faz com que o *polyester* da película comece a derreter com o calor. Estabelece-se, então, uma tensão entre a figuração (perceber que imagem está no “filme dentro do filme”) e a destruição dessa figuração (literal, porque o fotograma queima, e metafórica, porque a “imagem” que resulta dessa queimadura é de natureza abstrata). O gesto é antagónico: se o realizador-projecionista faz avançar o filme, a imagem desfaz-se num borrão, se o realizador-projecionista pára o filme, a imagem desfaz-se num borbulhar de plástico aquecido.

Como o título dá a entender estamos diante de algo em terceiro grau. Trata-se de uma referência à natureza sucessiva do próprio filme (já lá irei), mas também às queimaduras de terceiro grau, as mais profundas, que destroem todas as camadas da pele (epiderme, derme e tecido subcutâneo) atingindo o músculo ou mesmo os ossos. De facto, Paul Sharits organiza **3<sup>rd</sup> Degree** em três (quatro) camadas. Primeiro filmou uma atriz (Mary Ann Bruno) que acende um fósforo diante do rosto e contempla a chama que arde rapidamente. A partir dessa “camada”, filma a primeira parte do filme propriamente dito que corresponde aos referidos jogos de movimento e interrupção. A beleza dessa primeira parte do filme está nos momentos – breves – em que a figuração interage com a própria película (em chamadas), como se o fósforo queimasse o próprio suporte.

Na segunda “camada”, Sharits repete o mesmo gesto de movimento e interrupção, mas usando a filmagem da primeira “camada”, isto é, a filmagem da filmagem da rapariga com o fósforo. Na sequência final, a terceira “camada”, retoma o método, com as imagens recolhidas na segunda camada (a filmagem da filmagem da filmagem da rapariga com o fósforo). Ao contrário das queimaduras, que se aprofundam na pele, cada “camada” de filme afasta-nos da figuração e torna o filme progressivamente mais abstrato. A queimadura da pele e a queimadura do filme produzem movimentos contrários (um de remoção, outro de acumulação) que, de algum modo, afirmam o mesmo por caminhos distintos. Se a queimadura da pele se encaminha para o osso, as queimaduras sucessivas da película aproximam-nos da consciência da própria película, isto é, da sua superfície, a materialidade do filme (a sua ossatura técnica e tecnológica). No fim, **3<sup>rd</sup> Degree** é quase já só uma acumulação de perfurações (três níveis a velocidades diferentes), manchas, borrões e queimaduras – uma profusão de martírios.

Paul Sharits afirmou, em relação a este filme, que se trata de um “filme ‘sobre’ a fragilidade do meio fílmico e a vulnerabilidade humana; tanto a imagem cinematográfica como a humana resistem à ameaça/intimidação/mutilação: a vítima é corajosa e a película também dá luta, ambas ‘sob fogo’.” *Burn baby burn!*

Ricardo Vieira Lisboa